

LABOR

Revista de Ensino Secundário

DIRECTORES: JOSÉ TAVARES e ÁLVARO SAMPAIO

SUMÁRIO

Reflexiones acerca del Bosquejo de una Carta Regional de Portugal. . .	Juan Carandell
Ensino clássico? Ensino moderno? Resposta ao questionário . . .	Delfim Santos
Questões de ensino. Resposta a um Inquérito.	Dr. Geraldino Brites
Do alemão nos liceus	Riley da Mota
A frequência dos liceus e o problema da selecção—Resposta	João Matilde X. Lôbo
O XV congresso internacional do ensino secundário	A Direcção
Pontos modelos organizados pelo C. S. I. P., secção do ensino secundário.	A Redacção
Erros que é preciso evitar	Silva Ramos
Os novos horizontes da acção escolar	Alfredo de Carvalho
Em boa hora	A Direcção
Horas de trabalho.	Silva Ramos
Liceus: de Camões, Santarém, Aveiro e Normal de Lisboa	A Redacção
Liceu de Alexandre Herculano. Uma festa de homenagem	Anselmo Silva

Pedagogia e didáctica. Higiene e medicina escolar. Educação física e canto coral.

Ensino clássico? Ensino moderno?

RESPOSTA AO QUESTIONÁRIO

1.º—Os estudos clássicos estão em crise?

Se por estudos clássicos se deve entender estudos sobre o classicismo grego e romano, poderemos começar por dizer que, de facto, estão em crise. Porém, devemos afirmar desde já, para atenuar esta afirmação, que tais estudos estiveram sempre em crise e que jãmais puderam ou poderão deixar de estar. Estudar o passado, quando as fontes dêsse estudo são totalmente ou quasi totalmente conhecidas, só pode consistir numa actividade crítica sobre documentos e conseqüente recomposição da realidade a que cada um se refere. Essa realidade é sempre instável, porque está sempre dependente de novos elementos de estudo, e sempre indefinida aproximação de qualquer coisa impossível de apreender totalmente pelo crítico. O estudo do passado, — e neste caso particular da antiguidade clássica, — é sempre um estudo crítico e êste, pelo acima apontado, está sempre em crise, e dependente, quer da profundidade da actividade crítica, quer de novos elementos informadores.

Se a pergunta se refere ao maior ou menor número de cultores do género, diremos que o interêsse pelo estudo da vida grega e romana, em todos os seus aspectos, continua a afirmar-se nos meios cultos, — como não poderia deixar de ser, — embora sem aquêlê exclusivismo exterior das épocas consideradas como neo-clássicas, — como também não poderia deixar de ser, — dada a melhor compreensão do valor do passado e as exigências da vida do presente. Entre os meios cultos não está, certamente, incluído aquêlê país onde êste inquérito se faz, pela simples razão de que, aí, os órgãos propulsores de tais estudos são as universidades. E nunca foi possível dum agregado de mercenários esperar manifestações de cultura.

2.º—*A que atribue a crise, se ela efectivamente existe, dos estudos clássicos?*

Parece que, na verdade, a primeira pergunta se refere ao aspecto da crise tratado por nós em segundo lugar na respectiva resposta. Sendo assim, e atendendo ao que deixamos dito, apenas teremos de considerar o caso da falta de estudos sobre o classicismo nos meios incultos. A causa de tal já lá ficou apontada: o mercenarismo universitário. Mas não devemos encarar unilateralmente a questão e culpar somente a pobre universidade. Ela é também consequência e não só causa. Alguma coisa deve haver, pois, que explique o que ela é, conquanto não possa explicar porque a isso ela se não opõe. Referimo-nos à carência de interesses espirituais da nossa vida, excessivamente voltada para o útil, o imediatamente útil. Nos domínios da cultura vivemos como espectadores: olhamos os outros e dizemos, algumas vezes, o que os outros fazem ou pensam. Não é preciso mais para ser ilustre, notável e profundo pensador... Não admira que não tenhamos tradições de estudo da antiguidade grega e romana; não as temos também do estudo do pensamento oriental e com maioria de razão as deveríamos ter, dada a missão histórica que nos coube. É que a nossa conformação mental é por demais materialista, isto é, demasiadamente presa às preocupações do domínio da matéria e, portanto, avessa à consideração dos ideais de cultura, que nunca tivemos e dificilmente teremos. A prosperidade material é, para nós, indício de tudo; ou seja a aparência das cousas como primado de valorização da realidade. Ora o caminho tem de ser outro; não é pelo exterior que devemos começar, é por dentro, como bem dissera Lachelier: «tudo ou quasi tudo depende da pureza e do vigor das almas; e, se esta pureza e este vigor continuam a diminuir, voltaremos, nós ou os nossos descendentes, à barbaria sob todas as suas formas».

3.º—*A cultura puramente científica pode substituir, na formação do espírito, a cultura clássica?*

Não há cultura científica e, muito menos, cultura puramente científica. Cultura é a totalidade da vida do espírito, afirmando-se na unidade dum equilíbrio dinâmico sempre instável. Especializar a cultura é negá-la. Estabilizá-la em formas especiais é deformá-la. Cultura é generalidade ou capacidade de inserção de ideias gerais nos casos particulares e aparentemente insignificativos. Os dois aspectos de cultura aqui focados completam-se: um pretende a descrição da essência, outro o sentido de relação com a realidade exterior. A mesma crítica poderíamos fazer à expres-

são «cultura clássica»; possuir hoje uma cultura clássica é ser inculto; a cultura é in-formal e intemporal. A ciência, a arte, as línguas, etc., são contribuintes ou meios de cultura, mas não podem ser fins ou a própria cultura. Por se esquecer isto, foram elevados à categoria de homens cultos os técnicos, os especialistas, os homens a uma dimensão ou os bárbaros do nosso tempo, no dizer de Ortega y Gasset. Do outro lado, também por esquecimento, se consideraram cultos os homens que decoraram citações dos poetas gregos e latinos e sabiam as variantes de cada termo em cada parágrafo das obras de cada autor. Ora, nem uns nem outros são cultos, ou melhor, uns e outros são incultos, porque, repetimos, não há cultura científica nem cultura clássica com valor de actualidade. Tudo isso pode ser *contribuição* para a cultura, mas tem de começar desde muito cedo a ser considerado como tal. Para a formação do espírito—o que importa sobre tudo o mais—as línguas e as ciências são necessárias, mas em caso algum suficientes. E estas últimas só podem ter valor cultural quando ensinadas na sua história, na evolução dos seus métodos, no significado geral dos seus resultados, enfim, na sua progressão e tentativa para melhor interpretar o universo e melhor satisfazer a ânsia de verdade que atormenta todo o homem.

4.º—As línguas modernas (humanidades modernas?) podem servir de base a uma nova modalidade de humanismo?

A resposta a esta pergunta está já contida na resposta à pergunta anterior. A base do novo humanismo não pode ser encontrada por disjunção de aspectos inseparáveis da vida espiritual. O método terá de ser outro. Mas as línguas modernas poderão substituir o latim? Por que não? Não é uma língua um meio, um veículo, cuja finalidade consiste, e sempre consistiu, na transmissão de ideias? Como poderiam, pois, as ideias do nosso tempo, as nossas ideias, ter como veículos de expressão velhos utensílios de outros tempos, de outras ideias e de povos desaparecidos? O latim não é preciso como fundamento de cultura—e só o que o é deve pertencer ao curso liceal, pelo menos no primeiro e segundo ciclos. Talvez se diga que o latim não pretende ser órgão transmissor de ideias, mas instrumento aperfeiçoador da inteligência, ou ainda, exemplo de vigor, de clareza e de muitas outras coisas com sentido apenas para o adulto que já não frequenta o curso liceal. Não vale a pena demorarmo-nos com isto. Aos que defendem o ensino do latim como meio de melhor conhecimento da língua pátria diremos que, como simples introdução ao ensino do português, isso será atribuição do respectivo professor. Não é preciso para tam pouco torná-lo disciplina inde-

pendente e fundamental. Evitar-se-á assim dispersão, perda de tempo, e talvez seja possível dar ao aluno a noção única da utilidade do latim: esclarecimento formal de alguns vocábulos da nossa língua.

5.^o—*O ensino secundário deve ter um cunho acentuadamente clássico, ou moderno?*

Se por «moderno» entendermos qualquer coisa que implique a integração das experiências úteis do passado e a selecção das mais adequadas com o novo tempo, parece-nos ser possível só uma resposta: que qualquer ensino, secundário, primário ou superior deve sempre ser moderno. Aliás, é isto que se dá com as línguas modernas: são elas a integração, a adaptação e a selecção daquilo que o latim tinha de vivo. As que dêle não provieram completam as outras na expressão do que a humanidade criou de novo. Para quê regressar? Não vemos perigo nenhum em sermos evolucionistas na resolução dêste problema...

6.^o—*Que críticas lhe sugere o ensino clássico?*

Resumindo, apenas isto: que o ensino clássico foi muito bom no tempo em que podia sê-lo; que hoje continuaria a ser muito bom, se o nosso tempo tivesse o mesmo conteúdo ideológico do tempo que já passou há muito. E que o resto é fácil de concluir...

7.^o—*A vida social contemporânea estará em desacôrdo com a concepção que se tem do espírito humanístico formado pela cultura clássica?*

Tôda a vida social «contemporânea» está em desacôrdo com as concepções formadas pelas culturas doutros tempos. A cultura é a alma do tempo; só enquanto êste é actual, aquela tem possibilidade de o orientar e modelar. Pode ainda dar-se outro aspecto ao problema: qualquer cultura do passado foi a cultura dum mundo limitado no espaço e nas aplicações da ciência, ou dos conhecimentos que se lhe equivaliam. O mundo actual é ilimitado nestes dois aspectos: cresceu extraordinariamente em extensão e as aplicações da ciência deram ao homem horizontes nunca previstos e esperanças de indefinidamente os ultrapassar. Nenhuma cultura do mundo passado pode, portanto, conseguir o equilíbrio perdido, talvez irremediavelmente, enquanto o homem acreditar ser possível a volta ao passado para corrigir um mal—que só é mal por êle se não libertar da idea do paraíso perdido.

Mas a vida é irreversível, tem um sentido de evolução. Ao homem compete prescrutar êsse sentido não para o contrariar, mas para mais profundamente realizar a sua missão. Na vida social, como na vida individual, a função de esquecimento é mais importante do que a função de lembrança. O homem actual valoriza demasiado a lembrança, a memória, no sentido de retenção do que já passou. Ora a imagem recordada é sempre superior à realidade correspondente e daí o desejo de pretender actualizar o já passado que, só por um êrro de perspectiva, é superior ao presente novo. Aliás, não esqueçamos nunca a grande lição do humanismo clássico: a vida é criação e não imitação. Se a compreendermos bem, não pensaremos nunca em imitar o que, por essência, não admite imitação. Isto quer dizer que o passado—e, portanto, o espírito humanista formado exclusivamente pela cultura greco-latina—deve ser considerado como passado, do mesmo modo que, na vida individual, se põe de parte o que já não está em perfeita equação com o momento actual de vida. Recordar para superar e não para imitar.

8.º—*O ensino moderno (ciências e línguas vivas) desenvolverá o sentimento de solidariedade humana e formará o carácter do indivíduo?*

Não. O ensino moderno não poderá ter como base as ciências e as línguas vivas. São simples meios ou instrumentos que, muitas vezes, tomados como fins, desenvolvem o espírito de concorrência e de luta, atrofiando as manifestações de solidariedade. Melhor, talqualmente se ensina a ciência é impossível formar com ela o carácter do indivíduo. Êste e o sentimento de solidariedade não dependem da quantidade de conhecimentos científicos possuída pelo homem. Pode-se ser ignorante e possuir um altíssimo sentido de solidariedade humana e uma bem formada consciência moral. E' pela acção do homem que tais qualidades se desenvolvem. E agora diremos que a ciência, quando interpretada na sua história e na significação total das suas experiências, na relação com o esforço do homem na conquista da verdade sempre provisória, na vitória da sua inteligência sobre as dificuldades que, continuamente, lhe apresenta a realidade, tem um grande valor formativo e moral. Quando é apenas retenção de factos dispersos e sem sentido integrante, nada vale; quando é apenas a caricatura do método experimental em experiências das quais se pretende somente a descrição dos aparelhos, sem a compreensão do respectivo significado teórico, nada vale também. Mais do que a ciência importa o espírito científico. Desta verdade quasi todos se esqueceram; dela partiremos para afirmar que a

formação do carácter e o desenvolvimento da solidariedade é acção do espírito, acção do homem sôbre o homem, e não das ciências ou das línguas, simples meios.

9.º—*Qual das duas culturas prefere: a cultura desinteressada, clássica, dita liberal, ou a cultura utilitária? Porquê?*

Cultura desinteressada é uma expressão tam infeliz quanto vulgar. Desinteressada em relação a que plano de vida? A cultura é sempre interessada e desinteressada. Nenhum homem pode viver totalmente num plano de vida movido exclusivamente por interesses imediatos de ordem inferior. Cultura utilitária e cultura desinteressada são processos tendenciais para limites inexistentes na realidade. Uma cultura absolutamente desinteressada não pode conceber-se. Tôda a cultura visa uma determinada finalidade que interessadamente pretende atingir. Uma cultura puramente utilitária é igualmente inconcebível: é técnica e não cultura. (As respostas às perguntas anteriores indicam suficientemente o que entendemos por cultura e as nossas respectivas razões de preferência. Com esta forma de resposta, dada a esta e a outras perguntas, quisemos sugerir, sobretudo, que os casos limites são abstracções e que, muitas vezes, a atitude de preferência pode não coincidir com nenhum dos aspectos opostos ou com uma mais ou menos sábia mistura dos dois conceitos antinómicos. Pensar por oposições é não pensar...).

10.º—*Como concebe o ideal humanístico?*

E' muito difícil a resposta. Poderia dar um livro mais ou menos interessante. Marquemos os pontos essenciais que o constituíriam: 1.º) A personalidade humana ultrapassa o homem social. O indivíduo é um conceito abstracto resultante do atomismo lógico e da aplicação da matemática aos fenómenos sociais. A sociedade, por sua vez, não pode ser o que pretende certa corrente da sociologia contemporânea: matriz da personalidade. Erro proveniente do vício de pensamento acima apontado. Indivíduo e sociedade são realidades mutuais e reciprocamente implicativas na formação da pessoa humana. 2.º) A noção de personalidade assim compreendida afirma-se pela acção da consciência moral, que é já consciência de solidariedade totalizada. O homem, pois, não se esgota em cada uma das suas formas de acção. E' sempre mais. O humanismo novo terá de deslocar o processo de valorização do homem, de molde a pôr de parte o inhumanismo resultante do caminhar inconsciente sôbre a linha burguesa da civilização. 3.º) Para isso não basta a reforma do

arranjo social. E' necessário que o homem transfigure o próprio homem e o inverta nos seus ideais de vida. Isto é, o homem actual vive *para* realidades que lhe são exteriores: a ciência, a técnica, a economia, etc., etc., traduzindo assim a sua vida espiritual em valores de ordem mecânica e material. O novo humanismo terá de repor o homem no seu lugar e pôr ao seu serviço o que o deshumanizou. 4.º) O método consiste em voltar-se para si mesmo e descobrir que antes da Ciência, da Arte, e da Economia está o amor à Verdade; o amor ao Belo e o amor ao Bem; que mais do que sábio importa ser justo e honesto. Eis os momentos essenciais que o novo humanismo — o humanismo de sempre — deverá integrar numa síntese viva para bem formar a personalidade humana.

Delfim Santos

(Estagiário no Liceu Normal)

